

Pessoas, Contos de Fada e Utopias

Discurso de aberto no Festival de Literatura Graal-Müriz

29 de Agosto de 2025

O meu conto de fadas preferido dos Irmãos Grimm é uma história curta chamada “Frau Trude”. Uma jovem, cujo nome não sabemos, conta aos seus pais sobre o seu desejo de visitar a casa da “Frau Trude”. Tudo nesta casa é supostamente tão estranho e maravilhoso... ah, então não é uma casa, mas uma coleção de arte? Um museu, ou talvez um laboratório? Os pais da rapariga proíbem-na estritamente de ir lá, suspeitando que a Frau Trude pudesse estar envolvida em artes sombrias e que uma visita à sua casa representaria um grande perigo. E o que acontece? A jovem não obedece e entra na casa de Frau Trude. ... e quando ela chegou lá, a Frau Trude perguntou: “Porque estás tão pálida?”

“Oh”, respondeu a jovem, com o corpo a tremer, “vi algo que me assustou”. “O que é que viste?”

“Vi um homem negro nas suas escadas.”

“Isso era o meu carvoeiro.”

“Depois vi um homem verde.”

“Esse era o meu caçador.”

“Depois vi um homem vermelho como sangue.”

“Esse era o meu talhante.”

“Oh, Frau Trude, fiquei aterrorizada quando olhei pela janela e não te vi a ti, mas sim o diabo com a cabeça em chamas.”

“Oh ho”, disse ela, “ então viste a bruxa com a sua verdadeira aparência. Faz muito tempo que espero por ti ansiosamente, e agora hás de servir-me de luz. E, em seguida, Frau Trude transformou a jovem num

pedaço de lenha, atirou-o para o fogo, sentou-se ao lado e, enquanto se aquecia, disse: “Que chama tão luminosa!”.

Na infância, tornamo-nos leitores através de contos de fadas. Lembramo-nos desses contos ao longo das nossas vidas. Talvez nos possamos esquecer do nome do protagonista de uma novela galardoada, mas iremos sempre recordar o nome do homem feito de madeira ou do urso falador daqueles contos. A literatura é feita de textos com capacidade de permanecerem imortais. Algo que não é apenas lido, mas relido vezes e vezes sem conta.

No cotidiano, é como se o leitor moderno vivesse no mundo das notícias. As notícias parecem incessantes, como o trânsito. Mas, se olharmos com atenção, um dia damos por nós, de repente, num cruzamento abandonado. O cruzamento onde o conto de fadas, da fantasia e da utopia se encontram.

A fantasia é um género peculiar. À primeira vista, é um conto de fadas, mas na realidade é simbolizada pela múmia do mesmo. Isto porque, a verdadeira fantasia nunca pode ser expectável nem previsível. A fantasia é um conto de fadas a que foram arrancadas as entranhas, o seu poder orgânico e primordial, a sua moral viva, a sua carne e sangue; na fantasia, essas vísceras são substituídas por ungimentos. Essa é uma das razões pela qual a fantasia não nos consegue realmente assustar. A fantasia popular padronizada apaga o medo do nosso imaginário impossibilitando-nos de o sentir, privando assim as pessoas de um dos mecanismos mais importantes para reconhecer o perigo. A fantasia convence-nos de que, aconteça o que acontecer, tudo termina num final feliz, sem esforço da nossa parte. Garantir-nos um final feliz e previsível

constitui a missão primordial desses heróis que carregam uma arma mágica.

No começo do século passado, a fantasia dominava a literatura e a cultura mundiais, moldando os gostos e a visão das pessoas da Nova Era. Talvez a fantasia seja o último tipo de literatura que ainda influencia a sociedade. Os adultos de hoje, entre os vinte e os quarenta e cinco anos, são pessoas que cresceram com a fantasia. Filmes e livros, jogos e séries. Príncipes e dragões, magos e fadas de beleza extraordinária. Os desafios que o mundo moderno enfrenta são, em muitos aspectos, consequência dessa educação, desse feitiço dormente, desse deleitoso encantamento.

Para sobreviver, a literatura procura o caminho mais seguro e certo até aos nossos corações. E, ao fazê-lo, desviar-se do nosso mundo de dores, ansiosa por descobrir a eterna utopia.

A fantasia baseia-se numa hierarquia rigorosa. Os destinos dos seus heróis conduzem sempre a um regresso ao auge da glória, a um reinício do *status quo*, à recuperação de posses, em geral: voltar, reconstruir, restaurar, refletir. A missão dos heróis da fantasia é restaurar uma hierarquia destruída. A fantasia é sempre monárquica, monocromática, focada exageradamente no cumprimento da missão. O monopólio da tomada de decisões pertence sempre à nobreza. Os protagonistas podem viver todas as aventuras que desejarem, sendo que o seu objetivo é, e continua a ser, impedir qualquer forma de modernização.

Tento imaginar o velho conto de fadas europeu "*Frau Trude*" como um texto de fantasia. O meu pequeno conto resiste. No entanto, é possível reescrevê-lo de forma a conformar-se com as regras do género popular. Começa-se por operar uma mudança de sexo através da alteração do

gênero da infeliz protagonista. Uma vez que o máximo que uma rapariga pode aspirar, de acordo com as regras populares, é ser a companheira do herói, uma prisioneira astuta, mas dominada pelas emoções da puberdade. Assim, em vez da rapariga, temos um rapaz corajoso que entra resolutamente na casa de Frau Trude e, quando a bruxa quer transformá-lo num pedaço de lenha, ele apanha a feiticeira em flagrante e corta-lhe a cabeça. Em seguida, revela-se que ele não é um vilão, mas sim um jovem rei mago que veio a esta cidade miserável para destruir o mal e purificar a terra da bruxaria. Assim, o rapaz continua a cortar o Homem Negro, o Homem Verde e o Homem Vermelho, um após outro, depois casa com a rapariga e torna-se senhor da terra e tudo começa de novo.

O problema é que, na fantasia, ninguém encontra a morte. Apesar de a morte ser uma dimensão fundamental da vida, neste gênero ela é abolida. Nenhuma outra forma literária oferece uma visão tão irreal do mundo, onde a morte parece estar em suspenso. Mais cedo ou mais tarde, cada herói está pronto para erguer-se e continuar a luta. Pessoas que cresceram com a fantasia e carecem de pensamento crítico transferem esta imortalidade para o mundo real. No entanto, se é impossível morrer, então a vida humana torna-se inútil, apesar da fanfarra humanista e do drama.

Podemos imaginar o mesmo conto de fadas como uma utopia. Uma utopia em que os habitantes da cidade descobrem que a rapariga desapareceu, reúnem-se todos na casa de Frau Trude, enforcam-na numa macieira e votam por unanimidade que, doravante, fica proibido fazer em casa coisas que ninguém consegue compreender, ir a lugares estranhos, ostentar uma cabeleira em chamas e o estabelecimento de

estranhos na cidade. De forma geral, investigar o mal torna-se proibido. Em vez disso, deve-se agir como se o mal não existisse: uma espécie de “cultura do cancelamento”. Segundo a nova lei, passa a ser proibido, de uma vez por todas, fazer a pergunta: o que se esconde nesta misteriosa casa, cujas janelas brilham todas as noites de forma tão misteriosa, tão sedutora e tão suspeita?

Mas não é essa a tarefa mais importante da literatura? Ir aonde ninguém foi antes, ir aonde é escuro e cruel, ir aonde é proibido, ir aonde se pode ser consumido pela chama da ambição, pelo fogo da descoberta, aonde se pode tornar cúmplice da própria transformação? Partir na procura da sua própria voz, inconfundível, que talvez venha a ser o seu grito de morte? Assumir a responsabilidade por si próprio e levá-la consigo, ignorando a razão- razão que, como escreveu Nabokov no seu famoso ensaio, o artista deve perfurar no coração? Partir um dia e aprender a temer, tal como sugere outro conto de fadas dos irmãos Grimm.

O mundo da fantasia feudal não tem nada a ver com democracia ou direitos humanos, não se interessa por tais coisas. Se alguém é um duende, um unicórnio ou um anão, permanecerá assim para sempre, eternamente.

A fantasia é uma negação demonstrativa da história. Uma recusa em conhecer e aprender lições com a história. Para que precisamos de saber factos sobre a Idade Média na Europa se apenas a árvore genealógica dos fictícios Titãs nos capta a atenção? No mundo moderno, as pessoas sabem muito mais sobre a geopolítica dos elfos do que, por exemplo, sobre o Grão-Ducado da Lituânia, um dos estados mais importantes da Europa medieval. Na atualidade, muitos europeus são incapazes de nomear todos os países membros da UE, quanto mais de saber onde se

localizam; falam em defender as suas fronteiras, mas só têm uma vaga noção de que países e nações se encontram do outro lado. Muitos europeus modernos possuem um vasto conhecimento sobre duendes e fadas, porém pouco sabem sobre as Cruzadas, a Guerra dos Cem Anos, o Holodomor na Ucrânia ou a Grande Fome na Irlanda, embora cada um destes acontecimentos carregue também simbolismo histórico e possamos aprender muito com eles.

Cada vez mais aparecem pessoas que se autodenominam de políticos e prometem resolver todos os nossos problemas atuais. Trata-se sobretudo de pessoas influenciadas pela fantasia. Agem como se fossem viver para sempre. E é verdade — alguns deles chegam mesmo a pensar em recorrer à criônica, serem ressuscitados como heróis de fantasia e mudar o futuro. Estudaram nas melhores universidades, mas ao mesmo tempo orgulham-se da sua ignorância histórica, da sua própria incompetência intelectual. O que defendem é o regresso ao passado glorioso. Àquela era dourada que nunca existiu. Transformar-nos novamente em súbditos de um rei rígido e sábio. Entregar o nosso direito de determinar o futuro a tiranos, àqueles armados com a tecnologia mais avançada.

Atualmente, os ocidentais estão cada vez mais relutantes em acompanhar as notícias políticas, para se protegerem do *stress*, de sentimentos de impotência, frustração e da incapacidade de mudar alguma coisa num mundo cheio de ameaças e de violência. Consequentemente, as pessoas refugiam-se no mundo de fantasia em que nada depende delas, em que tudo termina sempre bem. Isso abre espaço para que a opinião pública seja manipulada. Populistas ricos e fascistas disfarçados, fanáticos obcecados por boatos e xenófobos hipócritas chegam ao poder. Trazem consigo as suas versões da

felicidade utópica, tão antigas quanto este mundo, mas pintadas com as cores do futuro pela inteligência artificial.

No presente, a utopia fala-nos de novo na possibilidade de um mundo ideal, alcançável facilmente através da remoção daqueles que perturbam a nossa felicidade geral. O pensamento utópico volta a prevalecer, promovido em todo o lado com um marketing magistral. A utopia imperial e fascista da Rússia de Putin. A utopia europeia em que, durante muito tempo, não havia espaço para a Ucrânia e Bielorrússia, mas em que agora há lugar suficiente para a Hungria de Orban e a Eslováquia de Fico. A utopia americana de Trump, a megalomania nacional personificada que hoje ameaça não apenas os Estados Unidos, mas o mundo inteiro. A utopia de esquerda centrada na igualdade universal, que, analisando a história mundial, sempre conduziu a massacres e catástrofes sangrentas. A utopia do liberalismo universal. A utopia literária em que o livro é a coroa da criação. A utopia da cultura do politicamente correto. A utopia do fanatismo petrolífero. Cada utopia é mais uma tentativa falhada de explicar o mundo.

Até a própria linguagem pode tornar-se uma utopia. O protagonista do meu romance *“Os Cães da Europa”*, Oleg Olegovich, cria a sua própria língua, a Balbuta. Esta língua por si consiste numa utopia, a utopia linguística da liberdade, pois não é apenas livre de hierarquias, ódio, patriarcado e discriminação, é também livre de pessoas. As pessoas deixam de ter importância para a utopia. Apenas o recurso humano destinado à concretização da utopia conta. Por exemplo, a paz com Putin e o seu império significa que milhões de ucranianos caem numa escravatura imperial, e pouco importa que eles não queiram isso,

escolhendo antes morrer em batalha do que cair sob o domínio de Putin. Entretanto, milhões de outros podem deliciar-se com a utopia dessa paz sem qualquer sufoco. Esta utopia transforma-se numa nova fantasia moderna, na qual uns nascem para serem escravos do “Grande Mundo Russo”, enquanto outros observam em paz desde as suas altas torres. Uma grande predestinação da fantasia política, uma predestinação verdadeiramente sinistra.

Enquanto a utopia recorre aos contos de fadas para se tornar propaganda, são esses mesmos contos que sustentam a humanidade das pessoas.

Só os contos de fadas nos falam verdadeiramente sobre as pessoas. Sobre o que é ser humano no mundo da Natureza, das ideias e das máquinas. Só os contos de fadas nos podem alertar para as novas catástrofes e ensinar algo sem nos enredar no idealismo das novas ditaduras. Ao contrário das utopias, os contos de fadas vivem sempre no passado, no presente e no futuro. Contos de fadas: a literatura na sua forma mais pura. Contos de fadas e poesia: o mais elevado da linguagem, o seu ápice.

Nasci e cresci no meio de uma grande utopia. Na União Soviética, na Bielorrússia, na época praticamente desconhecida no Ocidente, porque o objetivo da sua utopia era desaparecer. Na cidade de Minsk, onde a língua bielorrussa quase se extinguiu, pois a utopia soviética assim o exigia. A utopia tentou transformar-me num ser utópico: uma anomalia de homem soviético que fala russo, não tem nacionalidade, acredita na vitória do comunismo e está pronto a dar a vida por essa grande utopia, pelas suas conquistas monumentais - o Gulag, Gagarin, a bomba atômica,

a psiquiatria instrumentalizada, a ocupação de outros países - e pelas suas mentiras patológicas elevadas ao nível de religião. Para um poder partidário rico de líderes geriátricos. Como milhões de outras pessoas, desde criança fui rodeado de contos propagandísticos sobre os novos santos como Lenine e os heróis pioneiros; histórias sobre o astuto KGB e os kamikazes vermelhos, sobre bons comissários e espiões ocidentais malvados. E, quando nos liam contos populares, eram sobretudo histórias russas sobre poderosos guerreiros russos e estrangeiros desprezíveis; sobre o grande “espírito russo” e o tolo russo; sobre a suposta superioridade intelectual da Rússia em relação ao Ocidente racional e sem alma.

Porém, o fim da utopia soviética aproximava-se. A Perestroika foi uma tentativa de modernizar a utopia e renovar a sua força. A utopia não pode assentar nas pessoas, tal como um império não pode tornar-se democrático. E este foi precisamente o principal erro do Ocidente nos anos ‘90, período em que se permitiu que o Império Russo sobrevivesse e ressurgisse. Os políticos ocidentais acreditavam firmemente que o Império Russo podia tornar-se uma democracia, mantendo-se ao mesmo tempo uma prisão para o seu povo. Grupos de pessoas que ninguém no Ocidente queria ouvir, todos aqueles ucranianos, bielorrussos, chechenos, iacutos, tártaros... para o Ocidente, a Rússia parecia homogénea e monolítica.

Nos anos 1980, a Perestroika de Gorbatchov aboliu a censura. Descobrimos por nós próprios os livros proibidos e lemo-los com uma avidez como se pudessem ser-nos tirados novamente no dia seguinte. Esses livros de autores ocidentais viraram o meu mundo do avesso e incutiram valores que permanecem fundamentais na minha vida. Foram

eles que me fizeram sentir europeu e me levaram a sonhar com uma Bielorrússia livre e europeia. Joyce e Kafka, Nabokov e Orwell, Gombrowicz e Mrožek, Virginia Woolf, Jelinek e Sylvia Plath, Natalie Sarraute e Václav Havel, entre muitos outros autores proibidos e indesejáveis, ensinaram-me a pensar. Descobrimos também a literatura bielorrussa de que ninguém nos falara, reprimida, fisicamente destruída pelos bolcheviques e esquecida em nome da utopia russo-soviética-imperial...

Rapidamente, encontrei-me numa outra utopia: a do Estado de Lukashenko, enclausurada num fragmento morto da utopia soviética. O ditador proclamava a chamada “estabilidade” como fundamento do seu regime. Este obstinado e iletrado utópico deu, na sua própria língua, um nome ao sistema que criara. Para além disso, no início da sua carreira internacional elogiou Hitler pela unificação da nação e pelo compromisso com a ordem numa entrevista ao jornal alemão *Handelsblatt*. A utopia de Lukashenko tenta parar o tempo, impedir que a Bielorrússia participe da história europeia e arrancá-la artificialmente ao curso histórico. Quer travar os ponteiros do relógio e fazê-los recuar à força.

Acima de tudo, os tiranos temem o tempo. Temem o futuro porque este não está sob o seu controlo e significa sempre a morte do tirano. Milhões de pessoas tornaram-se vítimas da pequena utopia do grande criminoso Lukashenko: milhares de presos políticos, centenas de milhares de emigrantes, bielorrussos mortos ou assassinados nas prisões, o destino destruído de toda uma nação. Este é o preço que pagamos por aquele fragmento de utopia que, como num conto de fadas, atravessou o

coração da Bielorrússia, transformando-o primeiro num escárnio e marginalizado, e mais tarde num co-agressor numa guerra imperialista. Como todos os apologistas da utopia, Lukashenka sofre de delírios de grandiosidade. Nos dias de hoje, ele proíbe os livros, não apenas os livros de história, jornalismo e pesquisa científica, mas também os contos de fadas.

Afinal de contas, por detrás de qualquer obra literária criada pela imaginação humana e pela força da linguagem está sempre um conto ancestral. Todo o romance é um conto de fadas moderno – uma nobre ficção em que podemos acreditar ou não, mas sempre reconhecemos ao autor o direito de inventar pessoas e mundos. Quando abrimos um livro, fazemos um pacto com quem o escreveu. “Vamos tentar acreditar em ti”, sussurramos. Mesmo sabendo que aquilo que descreve nunca aconteceu. Vamos tentar, mas não prometemos que chegaremos ao fim. Somos como as crianças dos tempos pré-históricos, que escutavam, junto ao fogo numa caverna, o uivar dos lobos, a chuva e o assobiar do vento lá fora. Porque foi sempre tão importante para nós, e porque continuamos, já adultos, a ler e a escrever contos de fadas?

As pessoas adoram contos de fadas, mesmo que sejam tímidas em admiti-lo. Amam-nos e, por vezes, chegam a proibi-los por via legal. Queimam-nos, destroem-nos, escondem-nos, colam-lhes rótulos difamatórios. Foi exatamente isso que aconteceu aos meus livros na Bielorrússia. A 8 de abril de 2021, a nova edição do meu romance *Europe's Dogs* foi detida e confiscada na fronteira Lituano-Bielorrussa. O romance foi classificado como literatura extremista e tornou-se a primeira obra de ficção na história da Bielorrússia a ser oficialmente

proibida pelo Estado por ordem judicial e incluída na lista de materiais extremistas.

No meu romance escrevo sobre o ano de 2049. O Império Russo há muito anexou a Bielorrússia e os Estados vizinhos e declarou guerra ao mundo livre. Depois da guerra com a Rússia, já não existe uma Europa unida. A obsessão das fronteiras marcou o princípio da desagregação europeia. Escrevi este romance entre 2016 e 2017. Fala sobre o poder da linguagem e a linguagem de poder, sobre a Europa como sonho bielorrusso e sobre a Bielorrússia como ilha europeia. Sim, este romance é a minha grande sátira à utopia russa e bielorrussa e a minha ode melancólica à literatura. Mas é apenas um conto de fadas. Um conto que não deveria assustar estadistas, que só temem uma coisa: serem um dia punidos pelos seus crimes. Repito: é apenas um conto de fadas...

Pouco tempo depois, outro dos meus livros, *“O Último Livro do Sr. A.”*, foi igualmente classificado como extremista e proibido. Também ele é, imagine-se, um conto de fadas moderno. Assim, todos os meus livros estão agora banidos na Bielorrússia. O Estado tenta separar-me dos meus leitores, mas esquece-se de que a Internet continua a existir. Esquece-se de que, desde 2020, mais de 300 mil bielorrussos abandonaram o país, entre eles não só editores, autores e críticos literários, bem como leitores. Para qualquer bielorrusso, ter um livro proibido em casa é uma questão de honra.

Nos tempos que correm, tantos livros da categoria de “ficção” estão proibidos na Bielorrússia e na Rússia que surge inevitavelmente a pergunta: o que pode haver de tão perigoso nessas obras povoadas de

personagens imaginárias e conflitos inventados? Ficções, parábolas, contos de fadas, invenções, fantasias puras, histórias criadas sobre coisas que nunca existiram. Estes textos abrem um espaço de percepção totalmente incontrolável, um espaço de pensamento independente. E um Estado autoritário não consegue resistir a isso, porque apenas quem sabe ler consegue atravessar para o outro lado do poder da imaginação. A linguagem e a literatura, os contos de fadas e a fantasia formam um mundo onde só se encontra o caminho se soubermos apreciar “Alice no País das Maravilhas”.

Svetlana Alexievich é, até à data, a única bielorrussa a receber o Prémio Nobel da Literatura. Os seus notáveis estudos de não-ficção sobre o Homem Vermelho, o Império Soviético, o desastre de Chernobyl e as mulheres na guerra baseiam-se nos relatos de pessoas que viveram esses acontecimentos. Os seus livros procuram dar voz a milhares de pessoas e partilhar as suas vivências com o mundo. A atribuição do Nobel a Alexievich reconheceu o papel central da reportagem e da não-ficção no mundo moderno. Para que precisamos de contos de fadas se queremos saber a verdade? Escolhemos a fantasia quando queremos escapar deste mundo e o jornalismo quando queremos permanecer nele.

As tragédias e os desastres continuam a acontecer. Nenhuma verdade conseguiu ainda ajudar-nos a compreender por que razão continuamos a ser sacrificados em nome das obsessões pessoais dos tiranos, nem por que motivo estes continuam a encontrar milhões de seguidores. Nenhuma verdade consegue travar guerras ou o terror. A verdade sem contos de fadas é apenas informação, algo que pode ser manipulado

infinitamente. E, embora leiamos cada vez mais factos sobre os horrores dos regimes totalitários e do novo fascismo nas notícias e nos livros, acabamos sempre por recorrer aos contos para explicar o mundo. Kafka e Orwell, Ionesco e Bradbury são lidos ao momento como se os seus grandes romances tivessem sido escritos ontem.

A literatura não é um anestesiante para a dor, mas atribui-lhe significado.

Estou aqui diante de vocês, em Graal-Müritz, onde, há cem anos, o visionário, gravemente doente, Franz Kafka conheceu o seu último amor, e penso que, para mim, todos os grandes textos de Kafka são contos de fadas brilhantes escritos por um autor de carne e osso. São textos que nenhuma máquina poderia escrever. “*O Processo* e *O Castelo*”, “*A Metamorfose*” e “*Na Colónia Penal*” são contos de advertência, contos de fadas de lugares onde outros não ousaram ir. E o facto de muitas das obras de Kafka terem chegado até nós na mesma forma em que foram publicadas por Max Brod é prova do seu carácter de conto de fadas. O conto de fadas está sempre a ser expandido e aperfeiçoado. É recontado e transformado, e é assim que se transmite às gerações seguintes.

Se estou condenado, então não estou apenas condenado até à morte, mas também condenado a defender-me até ao fim”, escreveu Kafka. A literatura, os contos de fadas, a fantasia e a ficção são tentativas de nos protegermos num mundo de utopias e de lugares-comuns triviais. A última esperança das pessoas com menos poder é inventar um mundo em que a linguagem finalmente lhes diga a verdade.

Fantasia contra utopia. Utopia contra utopia. Ideologia contra ideologia. Direita contra esquerda. A fantasia ingénua do Ocidente enfrenta a fantasia chauvinista russa. Neo-nazismo e xenofobia ressurgem. O vil e antigo anti-semitismo obsoleto volta a arder silenciosamente e vai achando continuamente novos seguidores. Aqueles que o professam nada sabem sobre o mundo em que vivem. Não querem conhecer a sua história. Estão habituados à ideia de que o mundo deve ter reis nobres e deve rejeitar todos os povos que, por sua vez, devem ser destruídos e cujas cidades devem ser reduzidas a escombros.

O “semi-deus” Putin voa numa águia nos seus sonhos e imagina-se herói de filmes de fantasia. O feiticeiro Lukashenka anuncia a todo o país durante uma seca, com a maior seriedade: “Queriam chuva? Eu dei-vos chuva.” O mágico Trump acredita na sua capacidade sobre-humana de acabar com a guerra num único dia. A mentira repete-se ano após ano até que milhões começam a acreditar nela. A ficção reina em todo o lado. Ninguém sabe o que se tornará amanhã: um conto de fadas, uma fantasia, uma nova utopia ou uma loucura propagandística.

Só quando realmente tememos aquilo em que nos tornamos e os resultados das nossas ações teremos uma hipótese de sobreviver.

Nos últimos anos da União Soviética, os contos do folclore urbano infantil eram populares entre nós. Por exemplo, a história da organização secreta “Morte às Crianças Soviéticas”. Diz-se que os seus membros circulavam pela cidade em carros com vidros fumados, raptando crianças e torturando-as nos seus escuros porões. Na altura, era divertido e assustador para nós. Muitos anos depois, já adultos, em 2020, assistimos em Minsk com horror a miniautocarros com vidros fumados a percorrer a cidade, de onde pessoas mascaradas surgiam de

repente e raptavam pessoas no meio da rua. Histórias assustadoras existem sempre. Só é preciso escrevê-las bem e lê-las com atenção.

Chegou o momento de defender o conto de fadas. É uma grande e bela inquietação europeia que uma vez deu origem a uma cultura magnífica e a desastres igualmente grandiosos. Foi a Europa, com os seus grandes contos de fadas, que primeiro levantou a ideia da desumanização em massa e a colocou em prática. Mas foi também a Europa que começou a compreender a sua extensão e as suas causas. Durante tanto tempo, o conto de fadas europeu criou novos sentidos e formas de compreensão para o mundo inteiro. E, neste momento, é mais importante do que nunca para os próprios europeus. É justamente esse sentido que escasseia, enquanto os impérios soviético e americano deixam nas suas utopias um rasto de vazio e desilusão.

O objetivo da perseguição é a própria perseguição. O objetivo da tortura é a própria tortura. O objetivo do poder é o próprio poder. É isso que a utopia descrita no grande conto *1984* nos ensina. E eles, chamo-lhes “eles”, tal como no livro, continuam a perseguir e a torturar, apropriando-se do poder repetidamente.

Afinal, qual é o objetivo dos contos de fadas?

Não sei. Porém, sei que podemos fazer com que deixem de nos ter como alvo.

Tradução: Sofia Batista